
COMO O MACHISMO SE MANIFESTA NAS REDAÇÕES ESPORTIVAS FUTEBOLÍSTICAS¹

Izabella Giannola Abrahão²
Marli dos Santos³
Faculdade Cásper Líbero

RESUMO

A pesquisa busca abordar a manifestação do machismo no meio das redações esportivas ao tratar sobre o futebol. Tem como objetivo principal estudar como a situação encontra-se atualmente nas redações esportivas na internet, televisão e rádio, além de estudar a relação das jornalistas com as fontes e com o público consumidor de jornalismo esportivo. Para tanto será realizada uma abordagem qualitativa, através de entrevistas semiestruturadas com jornalistas que atuam em diferentes veículos de comunicação e com diferentes experiências na cobertura do futebol. Como resultado, observou-se que as jornalistas continuam sofrendo com o preconceito no exercício profissional, especialmente do público e das fontes.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo Esportivo, Machismo, Mulher, Gênero, futebol

A PRESENÇA DA MULHER EM DADOS

No Brasil, de acordo com uma pesquisa divulgada pela Federação Nacional dos Jornalistas, em 2013 (FEDERAÇÃO..., 2013), as mulheres ocupam a maioria nas redações, 64%. Porém, são minoria nas editorias relacionadas ao esporte.

¹ Trabalho apresentado no IJ01 – Jornalismo, da Intercom Júnior – XVII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Izabella Giannola Abrahão é pesquisadora do Centro Interdisciplinar de Pesquisa (CIP) da Faculdade Cásper Líbero e é graduanda em jornalismo na mesma instituição. Email: izagiannola@gmail.com

³ Orientadora do trabalho. Docente e coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero. Email: msantos@casperlibero.edu.br

Conforme dados divulgados no *Perfil do jornalista brasileiro 2018*, elaborado pela APEX Conteúdo Estratégico (2018), os homens ocupam, majoritariamente, as editorias esportivas (82,4%), enquanto as mulheres estão mais nas editorias de economia e variedades (52,7% e 52,5%, respectivamente). No país do futebol, Esportes é a editoria especializada com o maior número de jornalistas (8,3%), e com a maior parte dos profissionais residentes na região Sudeste.

Outro levantamento feito pelo UOL Esporte (INTRUSAS, 2019) apontou que no telejornalismo esportivo as mulheres ocupavam menos de 15% das transmissões e programas realizados em canais da TV fechada.

Tais dados unidos mostram a discrepância feminina no meio. Embora as mulheres sejam maioria na profissão, ainda são minoria nas editorias esportivas e é essa abordagem que a pesquisa trará, com o objetivo de entender como as mulheres percebem a situação atualmente dentro e fora das redações esportivas na internet, televisão e rádio, além de estudar a relação das profissionais com as fontes e com o público consumidor de jornalismo esportivo.

Quanto à metodologia, trata-se de abordagem qualitativa, por meio de entrevistas semiestruturadas com jornalistas que atuam em diferentes veículos de comunicação e com diferentes experiências na cobertura do futebol. Como principais referências teóricas serão utilizados os conceitos de Bourdieu (2002), Helena Hirata (2002) e Márcia Veiga (2010). A pergunta problema que orienta esta pesquisa é: Como o machismo se manifesta nas redações esportivas futebolísticas?

JORNALISMO ESPORTIVO: A ORIGEM

Para investigar o fenômeno da manifestação do machismo no jornalismo esportivo, é preciso reconhecer, primordialmente, a origem desta especialização da comunicação. Conforme o jornalista Paulo Vinícius Coelho (2003), que no seu livro *Jornalismo Esportivo* traça um perfil sobre a história da especialização e a sua manifestação na contemporaneidade, o primeiro meio de comunicação relacionado ao esporte no Brasil teria sido um jornal chamado Fanfulla, em 1910.

Fanfulla foi um periódico surgido em São Paulo, não direcionado totalmente ao esporte, mas apresentava seções relacionadas ao tema, diferindo dos outros jornais, pois

não era direcionado às elites. A maioria do público leitor morava na cidade, era constituído de imigrantes italianos. O jornal agregava informações sobre a Itália e a vida desses trabalhadores que residiam próximos aos polos industriais de SP. O *Fanfulla* relatava em páginas completas a descrição de jogos de times de futebol amador italiano, mas com um impacto tão grande que influenciou a criação de um dos maiores clubes brasileiros, o Palestra Itália, que mais tarde se tornou o Palmeiras, surgido após uma reunião de 46 imigrantes italianos e descendentes que trabalhavam nas indústrias Francisco Matarazzo.

As páginas traziam relatos e placares das competições, que ainda não eram tão conhecidas no país e tampouco respeitadas.

Coelho ainda relata a importância do Rio de Janeiro, na época visto como o coração do Brasil, para a popularização do jornalismo esportivo, que muito era posto de lado em discussões. No começo do século XX, os jornais de São Paulo e do Rio de Janeiro começaram a dedicar algumas páginas e colunas para o esporte, sobressaindo-se em relação a algumas outras cidades do país.

Em 1928, nascia a *Gazeta Esportiva*, mas como um anexo da tão famosa *Gazeta*. De acordo com Mauricio José Stycer (2008), em sua pesquisa “Líbero, Mazzoni e a criação da *Gazeta Esportiva*”, foi um dos jornais mais significativos da época no campo, assim como o *Jornal dos Sports*. O destaque da *Gazeta Esportiva*, em comparação aos outros periódicos da época, seria o maior volume de informações e a sua cobertura mais ampla dos clubes. A *Gazeta* realizava uma cobertura completa dos maiores clubes da cidade de São Paulo. Cásper Líbero e Thomaz Mazzoni teriam sido dois grandes nomes fundadores do jornal, de acordo com Stycer.

O jornalista Cásper Líbero, portanto, administrava também a *Gazeta*, e Mazzoni assumiu o comando maior da área de esportes.

Sua influência irá muito além da *Gazeta* e, na avaliação de muitos, será o mais importante jornalista esportivo de São Paulo por algumas décadas. Ao longo da carreira, publicou duas dezenas de livros, dois dos quais se tornaram referência em grande parte dos estudos sobre futebol: *Problemas e aspectos do nosso futebol*, de 1939, e *História do futebol brasileiro*, de 1950. (STYCER, 2008, p. 5)

Em 1931, surgiu um periódico chamado de Jornal dos Sports, o primeiro dedicado inteiramente ao jornalismo esportivo, fundado pelo jornalista Mário Filho. O jornal ganhou uma grande importância ao acompanhar de perto e relatar o processo de profissionalização que uniu clubes de São Paulo e Rio de Janeiro. Com o passar dos anos, diversas revistas e jornais foram surgindo, algumas extintas pouco tempo depois, outras, presentes até hoje.

Com dificuldade de acesso ao ensino superior e a cursos profissionalizantes, foi somente na Era Vargas (1930-1945)⁴ que as mulheres conquistaram o direito de ingressar nesses estudos. Porém, a discrepância salarial ainda é presente na sociedade até os tempos atuais. Em 2019, de acordo com estatísticas levantadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2019), as mulheres recebiam cerca de 77% do salário dos homens.

Entre o período de 1930 a 1945, era pior. As mulheres eram escolhidas por conta da mão de obra barata e, geralmente, eram direcionadas para editorias jornalísticas relacionadas a temas vistos como “femininos”, por exemplo, moda, casa, família e gastronomia. Hoje, estima-se que cerca de 4,6% fazem parte de editorias focadas em esporte, de acordo com a pesquisa “Mulheres no jornalismo brasileiro”, realizada pela Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (ABRAJI), em 2017, que utilizou dados baseados no censo de 2010.

O que encontramos de discrepante são as áreas de esportes, educação e tecnologia, nas quais os homens estão sobre-representados como editores. [...] Já na área de turismo, moda, gastronomia e estilo de vida há proporcionalmente mais mulheres editoras que homens. Esse quadro sugere uma certa divisão do trabalho jornalístico conforme os antigos estereótipos. (ABRAJI, 2017, p. 16-17).

⁴ Era Vargas foi a fase da história brasileira em que Getúlio Vargas governou o país de 1930 a 1945. Foi forçado a renunciar à presidência após um ultimato dos militares. Era Vargas foi um período iniciado em 1930, logo após a Revolução de 1930, e finalizado em 1945 com a deposição de Vargas.

O campo jornalístico especializado na cobertura do futebol é tomado totalmente pela presença masculina. De acordo com Coelho (2003), as disparidades nos números podem ser explicadas com base em parâmetros sociais e históricos.

Vale observar, no entanto, que em 1960, com os Jogos de Primavera, alguns eventos começaram a ser produzidos por profissionais do sexo feminino. Nos anos 70, surgiu a chamada “Rádio Mulher”.

A Rádio Mulher (MUSEU DO FUTEBOL, 2021) foi pioneira em ter uma equipe totalmente formada por mulheres, desde quem manejava as mesas de som até as locutoras. Quanto ao jornalismo esportivo, a emissora teve uma presença significativa, já que possuía programas que traziam comentários futebolísticos com um formato mais informal.

Na Rádio Mulher, em 15 de julho de 1971, ocorreu a primeira narração feminina de uma partida do esporte, na voz da jornalista Zuleide Ranieri, que narrou o amistoso entre S.E. Palmeiras e A. Portuguesa de Desportos. Desde a motorista até a técnica de som era composta por uma equipe majoritariamente feminina.

Além de amistosos, a emissora realizou transmissões de competições internacionais e da Série A do Campeonato Brasileiro também. A audiência cresceu, principalmente, entre o público masculino. Porém, em 1976, a Rádio Mulher foi a falência por falta de patrocínios.

Com a presença maior de profissionais nesta cobertura especializada, as mulheres começaram a ocupar as redes de TV, de onde surgiram nomes primordiais para a conquista do espaço, como os de Regiani Ritter, Cidinha Campos e Marilene Dabus.

Regiani Ritter começou sua carreira no rádio, mas logo foi para a televisão. Em 1994, foi reconhecida como a primeira mulher a realizar uma cobertura de Copa do Mundo, presença tardia em grandes eventos futebolísticos como esse. Segundo registros de Calazans (2001), outro pioneirismo da jornalista é a presença em uma emissora de rádio de abrangência nacional. Uma das primeiras a atuar em um local totalmente dominado por homens, a jornalista entrou nos vestiários masculinos em busca de entrevistas com os jogadores e os esportistas, rompendo com as regras do “*habitus*” do “campo”. Dessa forma, supera as barreiras impostas e busca, no campo, subir de posição, fazendo aquilo que ninguém fazia, muito menos o sexo feminino.

Regiani, por sua vez, é um dos principais nomes ao se pensar em pioneirismo na profissão. Presente em coberturas históricas, como na Copa do Mundo de 1994, a comunicadora rompeu diversos tabus associados ao machismo e a presença feminina na editoria.

Marilene Dabus é outra personalidade vista como pilar para os primeiros passos das mulheres no campo. Cobrindo um importante jogo do Flamengo, no Rio de Janeiro, em 1969, causou uma reação em massa sobre os cariocas que acompanhavam as transmissões ao invadir os gramados em busca de abordagens aos jogadores. Outra jornalista pioneira, Cidinha Campos, teve passagem marcante em 1969, ao entrevistar o grande ídolo do futebol, Pelé. A entrevista antecedeu o milésimo gol feito pelo Rei.

Entre as décadas de 1990 e 2000, o jornalismo esportivo começou a apresentar, agora de fato, pautas baseadas em análises de campo e relatos das partidas que, mesmo sem seguir o estilo anterior, popularizaram-se cada vez mais, visto que nessas décadas o jornalismo esportivo migrou para outras mídias, como a televisão e a internet. Mesmo assim, a presença feminina na cobertura do esporte, especialmente o futebol, conforme dados apresentados em seção anterior, continuou precária.

A DIVISÃO SEXUAL NO JORNALISMO ESPORTIVO

De acordo com Helena Hirata (2002), um trabalho visto como “mais elaborado”, ou seja, que demandasse mais conhecimentos técnicos, sempre foi atribuído a homens. No jornalismo esportivo, tal realidade é completamente perceptível ao verificar-se a predominância masculina no meio, partindo do ponto que os homens têm um maior domínio da área, pela presença maciça nas coberturas.

Para melhor analisar essa realidade, utilizam-se as ideias de Bourdieu (1998, APUD, Lima, 2010, p. 4), para quem o humano, como animal social é um animal simbólico e vive em um mundo feito a partir de linguagem e preceitos. O conceito de “campo”, desenvolvido pelo autor, surge a partir dessas reflexões. O campo, para o pensador, é um espaço dotado de práticas e de uma história própria. No que lhe concerne, é estruturado com base nas relações objetivas ocupadas pelos agentes de cada

instituição, sendo este um fator dominante para as interações estabelecidas pelos presentes nesses espaços. Cada posição adere a uma luta de interesses.

É no horizonte particular dessas relações de força específicas, e de lutas que tem por objetivo conservá-las ou transformá-las, que se engendram as estratégias dos produtores, a forma de arte que defendem, as alianças que estabelecem, as escolas que fundam e isso por meio dos interesses específicos que aí são determinados (BOURDIEU, 1996, APUD, LIMA, 2010, p. 3)

Assim, o campo é permeado pelo “*habitus*”, outro conceito trazido pelo autor, que se baseia em um conjunto de apropriações de modo que tal coisa é colocada em prática. As lutas dos agentes envolvidos nesses campos ocorre em torno da disputa dos mesmos interesses. Essa disputa está totalmente atrelada a um jogo e uma relação de poder. O “*habitus*” manifesta-se nesse eixo, é uma noção preexistente, que vai ditar a forma que cada classe atua dentro do seu meio.

Entendendo esses conceitos, é possível aplicá-los neste estudo para entender o espaço das mulheres no esporte. O campo esportivo tem uma classe dominante, no caso, a masculina. Os homens são os que comandam. As mulheres, por sua vez, são vistas como uma classe inferior, uma classe mais baixa, e, partindo desse ponto de vista, entende-se que a luta desse agente gira em torno do interesse comum de falar do assunto e conquistar seu espaço no campo.

É uma relação de dominantes e dominados. O sexo masculino, no caso, é o dominante do mercado, enquanto o feminino, o dominado.

De acordo com Márcia Veiga (2010), o gênero é orientado conforme pressupostos já determinados, sendo que tais pontos determinam os padrões já estabelecidos. A mulher, por muitos anos, foi vista como frágil ao tratar certas práticas esportivas.

Até os anos de 1970, era praticamente impossível que fosse encontrada em redações esportivas a presença do sexo feminino. Herança das restrições à mulher na prática esportiva desde a antiguidade. Tanto como atleta quanto como profissional de jornalismo, a mulher sempre foi alvo de muito preconceito.

Márcia Veiga (2011) escreve em sua pesquisa que a mídia televisiva permitiu a compreensão do modo de funcionamento de sistemas simbólicos. A pesquisadora ressalta a diferença de pautas repassadas para homens e daquelas que são repassadas para mulheres: “Na hierarquia das notícias, as principais matérias eram as fortes, relacionadas ao investigativo, ao risco. Isto é, aos assuntos “sérios”. E para este tipo de notícia, os jornalistas propostos eram preferencialmente os do sexo masculino”. (VEIGA, 2010, p. 158)

No campo do jornalismo esportivo, é comum que pautas para homens estejam relacionadas a coletivas de imprensa e coberturas presenciais nos estádios, enquanto para as mulheres, tal atividade não é confiada. De acordo com Veiga, cada pauta corresponde a um certo perfil pré-determinado. “As adjetivações das notícias em forte/leve, risco/cuidado, quente/morna, etc., relevavam consonância com atributos convencionais ao gênero masculino/ feminino.” (VEIGA, 2010, p.152)

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E RESULTADOS

Para estudar a manifestação do machismo nas redações esportivas ao tratar o futebol, foi adotada a abordagem qualitativa, por meio de pesquisa exploratória sobre o tema e entrevistas semiestruturadas, para coletar vivências e experiências de profissionais que habitam este campo.

De acordo com Martino (2018, p.104), a entrevista semiestruturada é focada em abrir um espaço para que o “entrevistado possa acrescentar informações que não estavam previstas no roteiro, assim, as perguntas são desenvolvidas de forma que possam deixar um espaço maior para que o entrevistado possa desenvolver suas próprias ideias”. Já a pesquisa exploratória busca, por meio da análise de informações, realizar uma descoberta sobre um determinado assunto.

O roteiro das entrevistas semiestruturadas foi elaborado para coletar informações sobre o perfil das participantes, suas trajetórias na profissão, o relacionamento com as/os profissionais das redações, fontes e público que as acompanham. A seguir, apresentamos as questões-tema:

1. Como foi sua trajetória no jornalismo esportivo?
2. Como você estabeleceu seu relacionamento com as redações
3. Como era seu relacionamento com as fontes?

-
4. Como era seu relacionamento com o público?
 5. Você sempre quis jornalismo esportivo?
 6. Como você prevê o futuro da mulher no jornalismo esportivo?

O roteiro permitiu também que, na medida das respostas, pudessem ser explorados alguns pontos trazidos pelas próprias participantes, de modo que outras informações surgissem no momento da pesquisa. Foi garantido o sigilo e as informações pessoas das jornalistas. No total, foram 6 entrevistadas.

Quadro 1 – Perfil das entrevistadas

Entrevistadas	Idade	Tipo de veículo
G.D	22	Portal Online
D.N	20	Televisão (Estágio)
J.O	20	Rádio
M.B	30	Portal Online
T.F	20	Portal Online
A.F	31	Rádio

Fonte: A autora

A escolha dos perfis foi feita seguindo um padrão de mulheres jovens, todas as estudantes de faculdades particulares, de classes sociais altas, idades entre 19 e 30 anos e que atuam na área esportiva tratando sobre futebol. Uma delas está em fase de estágio.

A escolha de mulheres mais jovens foi feita com o intuito de estudar a situação atual do jornalismo esportivo, tendo em vista as profissionais que entraram recentemente nas redações.

Após as transcrições das entrevistas, procedeu-se a sistematização dos dados coletados, a partir do roteiro de entrevista. As respostas foram agrupadas, conforme as questões-tema, para análise dos resultados.

Quanto ao primeiro tópico, perfil das jornalistas, constatou-se que todas começaram na área focando diretamente no jornalismo esportivo, sendo todas de faculdade particular, como já foi dito. Observou-se também que das seis escolhidas, quatro tiveram passagens na Gazeta Esportiva, talvez por ser um dos veículos mais tradicionais de esporte no país, como é dito na obra de Coelho (2003).

Sobre o relacionamento nas redações, constatou-se que somente uma das participantes nunca sentiu desconforto, embora todas tivessem a consciência de que se trata de um ambiente dominado por homens. Nenhuma sofreu preconceito explícito, todas descrevem os casos vistos como “sutis”, geralmente associados a uma certa desconfiança ao trabalho prestado, o que não acontecia com colegas homens que tinham a mesma experiência. *“Nunca sofri nenhum assédio moral ou sexual. Checavam se estava fazendo certo e não via acontecer com um colega homem meu que era estagiário”*.⁵

D.N e A.F relataram casos onde os colegas de trabalho, às vezes, confundiam os laços profissionais e buscavam estabelecer relações mais íntimas, o que as incomodavam. *“Eu me incomodei com algumas situações do meu trabalho só quando alguns colegas queriam ter relações mais próximas comigo, no sentido de “ficar” mesmo. Ficou bem desconfortável, ainda mais que sou estagiária.”*⁶ Em um das situações, ao tratar essa questão das redações, uma das entrevistadas mais experiente (M.B), com 30 anos, ressaltou que considera que parte do respeito se devia a sua idade. Uma das entrevistadas disse que achava “comuns” certos tratamentos nas redações esportivas, naturalizando o preconceito. *“Não acho que seja pelo fato de eu ser mulher, mas diziam que eu só publicava as coisas porque queria biscoito”*.⁷

⁵ D,G de entrevista V. [junho. 2021]. Entrevistador: Izabella Giannola Abrahão .São Paulo, 2021.

⁶ N, D de entrevista III. [junho. 2021]. Entrevistador: Izabella Giannola Abrahão .São Paulo, 2021.

⁷ F,T de entrevista IV. [junho. 2021]. Entrevistador: Izabella Giannola Abrahão .São Paulo, 2021.

Já ao abordarem assessores e empresários dos clubes e os jogadores, os casos de assédio moral e sexual foram mais presentes. Algumas entrevistadas revelaram pontos comuns ao estabelecer contato com assessores, como assédio sexual ou respostas ofensivas. Por exemplo, T.F relatou uma situação com um assessor que, mesmo após a entrevista com o assessorado ter sido realizada, continuou abordando a profissional de maneira inadequada, convidando-a para sair com ele, extrapolando os limites. A jornalista esportiva J.O. contou que em uma entrevista com um empresário, ele se dirigiu de forma extremamente agressiva e a ofendeu, chamando-a “mal educada”.

É possível inferir que tal comportamento por parte das fontes é manifestado de forma machista ao tratar jornalistas mulheres por uma questão diretamente relacionada ao gênero, já que essas mulheres observam uma relação de maior respeito com profissionais homens. Além do mais, a cultura do assédio reverbera na sociedade, pois os entrevistados se sentem confortáveis em extravasarem os limites profissionais, conforme mencionam as entrevistadas. Uma das entrevistadas da pesquisa, que atua em uma rádio local, relatou que foi bloqueada nas redes sociais por um empresário que a considerou “mal educada”: *“Só uma vez que eu tive problema, foi com um empresário. Ele começou a falar que eu era mal educada, me xingando e me bloqueou”*⁸. Os outros casos mencionados, salvo um deles, foram relacionados a assédio sexual. *“Já aconteceu umas duas vezes de mandarem mensagens não relacionadas ao trabalho, por exemplo, para elogiar algo ou até mesmo aparência.”*⁹.

Quanto ao relacionamento com o público, as entrevistadas disseram que o público masculino continua a vê-las como “objetos”, segundo as palavras de uma entrevistada; em outros casos, a audiência reage com descrédito em relação a informações transmitidas pelas jornalistas. *“Ah você nem sabe o que tá falando. Essa menina não viu nada! Nem sabe o que tá comentando”*¹⁰. No caso mais grave, a jornalista, que trabalhava em um portal, foi ameaçada em suas redes sociais pessoais: *“Ou te xingam, ou te vêm como um objeto. Já fui ameaçada. Era do tipo “Não, a torcida não tem nada a ver, se eu te pegar na rua, eu te quebro!”*¹¹ Sobre a opção pela cobertura de futebol, todas as entrevistadas disseram que entraram na profissão e no

⁸ O, J de entrevista I. [abril. 2021]. Entrevistador: Izabella Giannola Abrahão .São Paulo, 2021.

⁹ M, B de entrevista II. [maio. 2021]. Entrevistador: Izabella Giannola Abrahão .São Paulo, 2021.

¹⁰ D, G de entrevista V [junho. 2021]. Entrevistador: Izabella Giannola Abrahão .São Paulo, 2021.

¹¹ M, B de entrevista II. [junho. 2021]. Entrevistador: Izabella Giannola Abrahão .São Paulo, 2021.

meio esportivo muito cedo, ainda nos dois primeiros anos de faculdade, sendo as primeiras oportunidades que tiveram no jornalismo. Somente uma delas comentou que não tinha afinidade prévia com a área esportiva. Ou seja, cada vez mais o futebol e o jornalismo esportivo têm atraído jovens jornalistas. A presença de profissionais na área estimula novas possibilidades de atuação para as mulheres, mesmo em uma especialidade que ainda é majoritariamente ocupada por homens, principalmente nas posições de destaque e visibilidade.

Mesmo assim, é possível observar otimismo em relação ao futuro, com a conquista de mais espaços no jornalismo esportivo, porém, reconhecem que as dificuldades atreladas a questão de gênero continuam presentes no exercício da profissão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo buscamos apresentar dados sobre a atuação da mulher no jornalismo esportivo, particularmente na cobertura do futebol e um histórico sobre o jornalismo esportivo no Brasil, bem como trazer alguns conceitos de Bourdieu e Veiga, analisando como as noções de “campo”, “*habitus*” e gênero se entrelaçam, e como as relações entre dominantes e dominados pode ser observada ao longo da trajetória das mulheres nessa área profissional especializada, em que homens sempre foram a maioria.

Foi possível destacar como as ações de pioneiras, como Regiani Ritter, tornaram-se fundamentais para superar os obstáculos impostos ao longo de décadas nas redações, não só entre colegas de profissão, como também na relação com as fontes e com o público.

Em tempos de redes sociais fica ainda mais evidente as agressões sofridas pelas profissionais entrevistadas, que ora percebem o preconceito de fontes e público, ora o naturalizam ao se relacionarem com os colegas de profissão. O preconceito nas redações é avaliado por elas como mais sutil, ao passo que avaliam que o público é bem mais agressivo com as mulheres jornalistas. Assim, nas diversas situações de relacionamento verificou-se como o machismo se manifesta nas redações esportivas futebolísticas, dentro e fora delas.

Em que pese o estudo inicial e preliminar apresentado aqui, os resultados são semelhantes aos de outras pesquisas sobre o tema, como a da ABRAJI, em 2017, além

dos dados sobre a participação feminina na cobertura do jornalismo esportivo e futebolístico. Esse resultado deve incentivar outros estudos para ampliar o conhecimento sobre a realidade das mulheres jornalistas nas redações esportivas, especialmente as que fazem a cobertura futebolística.

REFERÊNCIAS

ABRAJI, **Mulheres no Jornalismo Brasileiro**. Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo, [s. l.], 2017.

APEX **Conteúdo Estratégico: Perfil do jornalista brasileiro** 2018. APEX Conteúdo Estratégico, [s. l.], 2018. Disponível em: <https://apexconteudo.com.br/o-perfil-do-jornalista-brasileiro-em-2018/>. Acesso em: 1 mar. 2021.

BOURDIEU, Pierre. **Campo de poder, campo intelectual**: itinerario de un concepto. Editorial Montessor, 2002.

LIMA, Denise Maria de Oliveira. **Campo do poder, segundo Pierre Bourdieu**. Cogito, Salvador, v. 11, p. 14-19, out. 2010. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-94792010000100003&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 06 jun. 2021.

CAPRARO, André Mendes. **Mario Filho e a "Invenção" do Jornalismo Esportivo Profissional**. Mario Filho e a "Invenção" do Jornalismo Esportivo Profissional, 2011. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/15154>. Acesso em: 11 ago. 2021.

COELHO, Paulo Vinicius. **Jornalismo esportivo**. 4. ed. Editora Contexto, 2002.

FEDERAÇÃO Nacional dos Jornalistas: **Espaço da mulher no jornalismo esportivo**. Federação Nacional dos Jornalistas, [s. l.], 2013. Disponível em: <https://fenaj.org.br/pesquisa-constata-que-maioria-dos-jornalistas-e-mulher-e-ganha-ate-cinco-salarios-minimos-2/>. Acesso em: 11 ago. 2021.

HIRATA, Helena. **Novas Configurações da Divisão Sexual do Trabalho** (Dissertação) - Centre National de la Recherche Scientifique, 2002.

"INTRUSAS" no gramado: Como o ambiente machista ataca mulheres que trabalham com esporte. UOL Esporte, p. 1, 2019. Disponível em: <https://apexconteudo.com.br/o-perfil-do-jornalista-brasileiro-em-2018/>. Acesso em: 11 ago. 2021.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Métodos de pesquisa em comunicação**. São Paulo. Editora Vozes, 2018.

MULHERES ganham 77,7% do salário dos homens no Brasil, diz IBGE. CNN, [s. l.], 2021. Disponível em:

<https://www.cnnbrasil.com.br/business/2021/03/04/mulheres-ganham-77-7-dos-salarios-dos-homens-no-brasil-diz-ibge>. Acesso em: 11 ago. 2021.

MUSEU DO FUTEBOL. **Rádio Mulher**. Disponível em: <https://museudofutebol.org.br/crfb/instituicoes/626331/>. Acesso em: 20 abr. 2021.

STYCER, Maurício José. Líbero, Mazzoni e a criação da Gazeta Esportiva. *In*: 1º ENCONTRO DA ALESDE: **"ESPORTE NA AMÉRICA LATINA: ATUALIDADE E PERSPECTIVAS"**, I. 2008, UFPR, Paraná, 2008. **Anais...** Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2008. Disponível em: <http://www.alesde.ufpr.br/encontro/trabalhos/79.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2021.

VEIGA, Márcia. **Masculino, o gênero do jornalismo : um estudo sobre os modos de produção das notícias**. Rio Grande do Sul, 2010. 250 p. Dissertação (Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação.) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/25629>. Acesso em: 1 mai. 2021.